

APRESENTAÇÃO

João Pedro Bellas
Marina Pereira Penteado
Natalia López Rico

Em março deste ano, após discussões intensas sobre a possibilidade de havermos entrado em uma nova época geológica em função do profundo impacto da ação humana no planeta, os membros da União Internacional das Ciências Geológicas (IUGS) decidiram votar contra a proposta de que teríamos saído do Holoceno e adentrado o Antropoceno. No entanto, as alterações causadas pelos humanos na Terra nas últimas décadas não podem ser negadas, e os debates que surgiram desde então na comunidade científica — que possui um número significativo de pesquisadores que não concordaram com a decisão — não deixam dúvidas. A própria nota divulgada pelo IUGS com o resultado da votação indica que, embora tenham optado por não decretar o fim do Holoceno, o termo proposto para salientar a interferência humana sobre o planeta não foi, de forma alguma, invalidado e segue sendo pertinente para a comunidade científica. Tudo isso sugere, na verdade, que, se “época” não for a palavra mais indicada, talvez seja interessante pensarmos no Antropoceno como um evento, como tantos outros que a Terra já presenciou¹.

Independentemente do termo que escolhermos utilizar, o momento em que vivemos tem sido marcado por um crescente

¹ Ver: https://www.iugs.org/_files/ugd/f1fc07_40d1a7ed58de458c9f8f24de5e739663.pdf?index=true.

clima de incerteza e ansiedade frente ao destino possivelmente catastrófico de nossa espécie. Todas as épocas contam com os seus medos e anseios e, de maneira correspondente, com formas de expressão desenvolvidas — muitas vezes, acidentalmente — para dar vazão aos sentimentos angustiantes engendrados por situações tão diversas quanto complexas, como as modificações trazidas pelo desenvolvimento industrial no século XVIII, os horrores do passado escravocrata em países e regiões colonizados como o Brasil e o resto da América Latina, dentre outros. Assim, as chamadas poéticas negativas cumprem o importante papel de nos ajudar a dar uma forma aos nossos medos para que possamos, de algum modo, lidar com eles.

Dessa maneira, não é de se surpreender que, nas últimas décadas, tenhamos visto a ascensão de novas formas ficcionais para lidar com os problemas típicos do Antropoceno, respondendo de certo modo à questão colocada há alguns anos pelo crítico e escritor bengali Amitav Ghosh (2022) a respeito dos limites e do alcance das formas narrativas modernas para elaborar e narrar a catástrofe planetária². Seja adaptando formas narrativas consagradas — como o faz o *ecohorror* —, seja desenvolvendo desdobramentos dentro de gêneros estabelecidos como a ficção científica — tal é o caso de boa parte da ficção climática, ou *cli-fi* —, as poéticas negativas do Antropoceno têm demonstrado uma preocupação grande com a relação do ser humano com o meio ambiente e têm tentado oferecer meios para que possamos responder a uma percepção que beira o niilismo frente às mudanças climáticas e às crises ambientais, que têm ocasionado catástrofes de escalas cada vez maiores e em um número assustador.

2 GHOSH, Amitav. *O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável*. São Paulo: Quina, 2022.

Diante desse panorama, este dossiê reúne pesquisas que exploram os desdobramentos narrativos impulsionados pelo impacto do Antropoceno e pelos debates que o cercam, tanto na crítica literária quanto na própria literatura. O significativo número de artigos recebidos e a amplitude dos temas abordados confirmam a urgência e a relevância de reflexões estéticas que, como nunca antes, são chamadas a cumprir uma tarefa ética e política fundamental, a saber, oferecer não apenas formas de pensar um presente marcado por imaginários do fim e do planeta como uma terra arrasada (CRARY, 2023)³, mas também para abrir a mesma imaginação a futuros possíveis. Nas palavras de Donna Haraway (2023), o que importa então é “as histórias que contamos para contar outras histórias”⁴, outras histórias que traçam um caminho possível para a superação e compreensão das crises atuais apostando nas relações interespecies, nos “parentescos raros”, em mundos pós-humanos, em suma, instalando uma crítica radical ao governo soberano do antropos. Um desafio crítico enfrentado tanto pelas poéticas negativas analisadas nos artigos que compõem o dossiê (principalmente romances, mas também contos e filmes), quanto pelos/as próprios/as pesquisadores/as.

O artigo que abre o dossiê é “O *New Weird*: uma ficção em sintonia com os estranhamentos do Antropoceno”, de George Amaral, no qual o autor analisa a ficção *weird*, mais especificamente a sua manifestação recente chamada de *new weird*, como uma forma de ficção que manifesta as angústias das crises do

3 CRARY, Jonathan. *Terra arrasada*: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu, 2023.

4 HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema*: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1, p. 29, 2023.

Antropoceno. Sua análise é conduzida a partir dos estudos de Thomas Friedman (2010) sobre *global weirding* e de Canavan e Hageman (2016), que partem do termo de Friedman para relacionar os estranhamentos e conflitos que surgem a partir das crises do Antropoceno com o horror cósmico derivados da ficção *weird*. Na sequência, temos o artigo “‘The animals are dying. Soon we will be alone here’: Anthropocene, Capitalocene, and the New Dystopian trends from the Global South”, de Eduardo Marks de Marques, no qual o autor sugere que as ansiedades atuais sobre as mudanças climáticas e ambientais parecem ser, em parte, responsáveis pelo recente aumento do interesse na ficção distópica. Contudo, o autor percebe uma nova tendência nessa ficção contemporânea, mais especificamente na produzida no sul global, que sugere uma necessidade de repensar as próprias bases da ficção distópica. Dessa forma, a partir de uma análise da obra *Migrações* (2022), de Charlotte McConaghy, Eduardo Marks de Marques propõe uma discussão de algumas dessas novas tendências.

O dossiê segue com o artigo “O anti-herói fracassado: o profeta pós-apocalíptico em *Oryx e Crake* (2003), de Margaret Atwood”, de Luiz Felipe Voss Espinelly. Nele, o autor explora a representação do anti-herói no primeiro livro da trilogia *MaddAddam*, de Atwood, amparado em estudos marxistas e sociológicos. No estudo, o autor propõe uma relação entre o anti-herói da narrativa, que emerge como um profeta revelando um outro mundo após a devastação provocada pela ação humana, com o Antropoceno, sugerindo que a trajetória de fracasso desse protagonista representa uma ocorrência natural em um mundo marcado por uma crise ambiental e climática. O artigo se conecta, de certa maneira, com o texto seguinte, de Diorgi

Giacomolli, “Global evil, technology, and the alienation of reality in William Gibson’s *Neuromancer* (1984)”, no qual o autor investiga a relação entre tecnologia e realidade no romance de William Gibson a fim de verificar de que maneira a humanidade dos personagens se deteriora devido à influência da era da informação. Para tanto, Giacomolli se pauta em autores como Jean Baudrillard, Susan Neiman, Ray Kurzweil, entre outros, para examinar o mundo virtual, a indefinição da realidade e as implicações da tecnologia sobre a identidade e a autonomia do indivíduo.

O texto seguinte, “A natureza, o homem e o medo: tensões do Antropoceno em romances ecogóticos de Joca Reiners Terron e Santiago Nazarian”, de Eduardo Davino de Oliveira e Gabriel Costa Resende Pinto Bastos dos Santos, explora o conceito de “ficção ecogótica” (Del Principe, 2014; Ginsberg, 2013) e propõe uma leitura de dois romances brasileiros contemporâneos: *A morte e o meteoro* (2019), de Joca R. Terron, e *Biofobia* (2014), de Santiago Nazarian. Os autores defendem que o ecogótico tensiona, a partir de um novo lugar, as relações entre humano e não-humano, analisando os dois romances citados como representativos dessa tendência narrativa.

A pandemia de covid-19 é tema do artigo seguinte, “Necropolitics in through *The arc of the rainforest* by Karen Tei Yamashita”, de Mariana da Silva Santos. A pesquisadora aborda o conceito da necropolítica a partir de um estudo comparativo do romance de Yamashita e das questões políticas envolvidas na implementação das medidas restritivas para contenção da pandemia de covid-19. A autora investiga as nuances em torno da noção de necropolítica e demonstra como o romance analisado antecipou diversas situações ocorridas no âmbito da pandemia,

quando diversos governos ao redor do mundo recusaram implementar quarentenas mais rígidas citando questões econômicas, em detrimento da preservação das vidas das pessoas.

Na sequência, Pedro Sasse, no artigo “Kentoshi e o apocalipse atômico”, explora as narrativas pós-apocalípticas que tematizam as catástrofes que podem ser ocasionadas pelo ser humano por intermédio de bombas nucleares. Reconhecendo que essa tendência, bastante disseminada nas primeiras décadas após o bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki, entrou em declínio com o fim da Guerra Fria, Sasse chama atenção para um ressurgimento do interesse por este tipo de temática no Japão após o acidente na usina de Fukushima. Assim, o artigo enfoca a maneira como o romance retoma a reflexão sobre o tema para lidar com as feridas reabertas pelo trágico acidente. A literatura japonesa é também foco do artigo de Mykaelle Ferreira, “Atravessando fronteiras: as distopias de Yoko Ogawa e Yoko Tawada”. Nele, a autora toma como base o conceito de “terra arrasada”, proposto por Jonathan Crary (2023), para discutir como a literatura contemporânea se apropria dos recursos da distopia para dar conta de questões urgentes de nosso tempo.

A literatura da América Latina retorna ao centro das análises com os artigos “Ficções da zona de sacrifício: violência ritual e o Antropoceno em ‘Sob a água negra’, de Mariana Enriquez”, de André Correa da Silva de Araujo e Maria Petrucci, e “El tiempo y lo humano después del fin. A propósito de *Frío* de Rafael Pinedo y *Manigua* de Carlos Ríos”, de Isabel Cristina Naranjo Noreña. O primeiro artigo aborda as zonas periféricas da América Latina como um espaço propício para narrativas de horror, focando na forma como práticas

sacrificiais podem ser relacionadas com o Antropoceno. A análise empreendida mostra como Enriquez inverte a estrutura tradicional do horror para produzir uma espécie de teogonia que se afasta da visão desencantada da modernidade. Já o segundo, tem como objetivo abordar as visões de futuro que emergiram na ficção argentina contemporânea. A abordagem da ensaísta revela duas perspectivas interessantes, a saber, uma nova percepção do tempo que é determinada pelo clima, e uma nova concepção de humano, que se afasta da velha distinção entre Natureza e Cultura, pois é construída a partir da relação entre o humano e os animais.

O artigo “Narrativas indígenas sobre o fim e o sonho de futuros possíveis em *The marrow thieves* (2017), de Cherie Dimaline”, de Rubelise da Cunha, discute a maneira como o romance de Dimaline indigeniza gêneros como a ficção pós-apocalíptica e a *cli-fi* para propor futuros possíveis para o planeta. A pesquisadora propõe uma análise que parte da contribuição do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro para mostrar como o reconhecimento das epistemologias de povos originários podem oferecer perspectivas distintas da visão eurocêntrica dominante. Dessa forma, a autora põe o romance abordado em diálogo com as discussões sobre o fim do mundo realizadas por autores indígenas como Aílton Krenak e Daniel Munduruku.

Os dois artigos subsequentes trazem reflexões sobre o cinema. Em “(Não)alteridade e o infarto da alma em *Blade Runner 2049*”, Robert Thomas Georg Wurmlli aborda o Cyberpunk e a sua concepção de pós-modernidade a partir da relação com o Outro. A análise empreendida reflete sobre as modificações que o gênero sofreu para se manter relevante na contemporaneidade,

interpretando o filme de Denis Villeneuve à luz de teorias que ajudam a explicar a perda de subjetividade no século XXI em função de uma lógica capitalista. Valéria Sabrina Pereira, por sua vez, no artigo “Master-Blaster: objetificação do corpo com deficiência no cenário pós-apocalíptico de Mad Max”, busca compreender como a franquia de George Miller traz um cenário devastado que seria a realização dos desejos do homem do Antropoceno, tendo como centro de sua análise a maneira como pessoas com deficiência são objetificadas naquele universo.

O artigo de Ana Karoline Duarte e Marcus Matias, intitulado “Os elementos de humor e de ironia como potencializadores de uma leitura distópica crítica nas tirinhas da série Mafalda que trazem o meio ambiente como tema”, investe em uma improvável aproximação da tira criada por Quino com a distopia. Os autores demonstram como os efeitos típicos da distopia crítica são potencializados pelo uso de humor e de ironia característico das tirinhas da Mafalda, e o modo como a interação de elementos verbais e não-verbais possibilitam um contato mais imediato do leitor com a intensidade das informações apresentadas. O último artigo do dossiê, “A literatura como dispositivo antropogênico: considerações acerca do processo criativo em *Corpos secos*, *A extinção das abelhas* e *Perfeita tecnologia*, de Natalia Borges Polezzo”, traz uma reflexão da escritora Natalia Borges Polezzo acerca do seu processo criativo na escrita de dois romances e de um conto cujos temas são ecologia e o Antropoceno.

O dossiê traz ainda uma resenha, de autoria de Natalia López Rico, sobre o livro *El síndrome de Babilonia: geoficciones del fin del mundo*, do geógrafo Alain Musset, que analisa as diversas maneiras

pelas quais concebemos a destruição de nossas cidades. Contamos também com uma entrevista, realizada pelos organizadores, com a escritora uruguaia Fernanda Trías, autora do romance *Gosma rosa*, publicado recentemente no Brasil. Além dessa obra, a conversa aborda como a ficção latinoamericana discute temas relacionados ao meio ambiente e como a literatura distópica nos ajuda a refletir sobre o potencial destrutivo da humanidade. Por fim, Felipe Leibold apresenta uma tradução do conto “The moaning lily”, de Emma Vane.

Os textos que compõem este dossiê demonstram que gêneros como o gótico e a distopia nunca perdem sua relevância, uma vez que sempre têm algo fundamental a dizer sobre o mundo, e frequentemente trata-se de algo que não gostaríamos que se efetivasse na realidade. Entender a maneira como as poéticas negativas são retomadas e ressignificadas no mundo contemporâneo é crucial para vislumbrarmos caminhos possíveis para a humanidade em meio às crises do Antropoceno, ainda que, paradoxalmente, isso se dê através da visualização das catástrofes anunciadas. Em outras palavras, caso queiramos um futuro mais promissor para as gerações vindouras, devemos contemplar justamente o apocalipse que desejamos evitar e, para isso, os textos aqui apresentados constituem um ótimo ponto de partida.

João Pedro Bellas é doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professor de Filosofia do Colégio Pedro II (CP2).

Marina Pereira Penteado é doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense.

Atualmente é professora adjunta do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Natalia López Rico é doutora em Estudos Latino-Americanos pela Universidad de Chile. Atualmente é pesquisadora associada do Instituto de Investigación en Ciencias Sociales (ICSO) da Universidad Diego Portales (UDP) e professora da mesma universidade.